

RUFFATO

Giorgio Bernardi Perin²

RESUMO: Neste artigo é comentada a tradução italiana do *Liber Medicinalis*, do poeta romano Quintus Serenus Sammonicus, realizada pelo médico e poeta Cesare Ruffato.

Palavras-chave: literatura latina, Quintus Serenus Sammonicus, *Liber Medicinalis*, tradução, Cesare Ruffato, poesia italiana.

Si praegnans artus captivi soricis edit, / dicuntur fetus nigrantia lumina fingi (“Se uma gestante comer patas de rato cativo, / dizem, parirá uma criança de olhos negros”). É dessa forma, com uma mudança fulminante e surpreendente, que termina uma receita (a IV) do *Liber Medicinalis*, de Quintus Serenus Sammonicus, até aquele ponto dedicada às tinturas para cabelos, portanto aos que *quos sancta senectus offendit*, ou seja, aos homens a “quem ofende a venerável senilidade” e, por isso, desejosos de *abscondere canos / et nigrum crinem fuco simulare doloso* (“disfarçar as cãs / e, com truque habilidoso, simular uma cabeleira escura”).

⁽¹⁾ Cesare Ruffato (Org.). *La medicina in Roma antica: il **Liber Medicinalis** di Quinto Sereno Sammonico*. Torino: Utet, 1996. A tradução do presente artigo é de Mariarosaria Fabris. Agradece-se a colaboração do Prof. Sandro Minisini na versão dos trechos em latim.

⁽²⁾ Professor da Universidade de Pádua (Itália), titular de Literatura Latina.

Dentro de uma linha meramente lógica, não se percebe um nexos imediato entre estes e a gestante: algum filólogo poderia ser levado a pensar numa lacuna; algum outro, a justificar o salto com aquele obséquio acritico às fontes que frequentemente avilta as páginas dos chamados *artígrafos*³ da latinidade tardia. Mas Quintus Serenus Sammonicus, não importa quem ele era (do ponto de vista histórico, sua cronologia é incerta, assim como sua verdadeira personalidade), não pode ser reduzido a um mero artígrafo. Sem dúvida, ele faz jus à própria condição de poeta – e, enquanto tal, apesar de todos os seus limites, à de poderoso visionário – além daquela de médico. Seu *Liber* é um *salutiferum carmen*, como ele mesmo o define no início, isto é, um “poema salutar” em hexâmetros: escrito, portanto, no mesmo metro de Lucrécio e das *Geórgicas*, os grandes e sagrados modelos da poesia didascálica.

Logo, é como poeta, embora menor, que Serenus ousa aquela mudança; e o nexos deve ser encontrado no afã da busca cosmética, no “truque habilidoso” capaz de desviar a ação da natureza, de adulterar a vida tanto para exorcizar seu ocaso, quanto para condicionar seu advento. Isso implica uma condenação da estupidez e da arrogância humanas, já preanunciada na risível repulsa pela manifestação da velhice e, enfim, confirmada pela figura da gestante supersticiosa; a qual é – ou pode parecer –, a seu modo, uma figura trágica, uma alucinada e alucinante hipóstase de amor materno mal depositado.

Não sei se estou acertando no alvo, mas gosto de pensar que foram exegeses desse tipo que despertaram o interesse de Cesare Ruffato pelo *Liber Medicinalis* (de cuja tradução este artigo oferece alguns excertos). Não é o caso de sublinhar, em Ruffato como em Serenus Sammonicus, a dupla qualidade de médico e de poeta: é uma etiqueta que, ademais, corre o risco

⁽³⁾ No original *artígrafi*, que significa “gramáticos”. Por sugestão do próprio autor, foi mantido o termo *artígrafo(s)* também em português (N. do T.).

de ser equivocada e que – alguém do referente biográfico, que não deixa de ser substancial – pode tornar-se até mesmo arbitrária.

É claro que se pode discorrer sobre o *Liber* de Serenus enquanto texto “científico”, e sobre o trabalho de Ruffato como contribuição concreta à história da cultura e da medicina: ninguém negará o interesse de seu cabedal crítico, desde a instrutiva introdução às esclarecedoras notas de rodapé, para não dizer da providencial divulgação de uma obra até agora inacessível ao grande público na Itália. Mas, é importante ressaltar, muito além do fato técnico-científico e profissional, os modos e as valências do impacto de Ruffato com os versos de Serenus, a atitude do poeta moderno diante de texto que, mesmo deixando transparecer um racional ceticismo de base, não se nega a considerar também receitas e práticas terapêuticas mais pertinentes à religião ou à magia do que à arte médica.

Na Antiguidade, e numa *techne* que repetia suas origens desde Febo/Apolo, eram muito sutis, quando não evanescentes, os limites entre ciência e magia, entre racionalismo e fideísmo. A situação dava ampla margem à credulidade e à fraude: “um conjunto de operadores sedutores e de práticas miraculosas guardadas na mímica do segredo, recheadas de absurdos, ilogicidades e com efeito apotropáico manipulava e intrigava camadas sociais subculturais, envolvendo os saberes, atribuindo-se paradoxalmente quase um tipo de cura mais específico e sagrado das patologias árduas e incuráveis”. É desse modo denso e esplêndido, mesmo impiedoso, que, na introdução, Ruffato descreve a situação, atirando sua acusação: mas, fornecendo, por isso mesmo (quero crer), os motivos profundos do fascínio que ele sentiu e que transmitiu aos leitores de hoje.

De fato, emana, em geral, de muitas prescrições um sentimento de horror que parece nascer da oficina de Medéia, de um sentido visionário e de sentidos alucinados: “Faz bem tomar bilis / de um abutre negro em vinho envelhecido, mas

basta uma colher cheia, ou então sangue de andorinha misturado com pó de incenso, ou aipo fervido ou bÍlis de cordeiro adoçada com mel, ou marroio misturado com mel em igual medida, do qual tomar três colheres de cada vez. É útil adicionar cinzas de andorinha às de fuinha. Além disso, faz bem tomar água de chuva recolhida na cavidade craniana de homem deitado de bruços” (r. LVI, contra a epilepsia). Assim, aos nossos olhos, a medicina não está longe da bruxaria e a prática terapêutica torna-se irmã da feitiçaria.

É bem verdade que, às vezes, Serenus dá uma de lógico e de leigo: *si credere dignum est*, arrisca ele a respeito de um diagnóstico estranho sobre febre intermitente; para, logo em seguida, condenar, com certo desdém, a pretensão de tratar o mal-estar proferindo fórmulas de encantamento (*carmina*): “Além disso, calarei sobre as muitas fórmulas mágicas: de fato, a vã superstição e mães receosas crêem que vários sortilégios possam debelar a febre”. Se é isso que se lê na receita L, no entanto, logo em seguida, a LI, relativa à febre semiterça, prescreve sem sombra de ceticismo um tratamento à base de *abracadabra*; ou então, como alternativa, aconselha o uso de um colar de corais com esmeraldas e uma pérola: “Faz bem ao paciente colocá-las no pescoço para afastar com seu admirável poder a doença letal”.

Contradição benéfica, de todo modo, que só pode ter agradado a Ruffato: penso ainda na receita XLVIII, com o singular e poético tratamento homeopático da febre quartã: “aos [pacientes] receosos [da volta da febre] ministrar o quarto canto da Iliada de Homero”; um tratamento particularmente consentâneo com o letradíssimo médico da Antiguidade – que, entre uma prescrição e outra, encontra o modo de citar Ênio, Lucrécio, Horácio, só para lembrar os nomes de maior destaque – e particularmente grata também ao seu excepcional tradutor (Serenus parece estar intuindo isso), o qual, mesmo na respeitosa (generosa) e completa adesão ao texto latino, não hesita em fazer valer os indisfarçáveis lampejos do próprio instinto literário e poético.

Em Ruffato chama a atenção, antes de mais nada, uma sábia e, diria, dolente auto-ironia em relação ao instrumento primeiro do poeta, a Palavra. Na receita LIV, para conciliar o sofrimento dos doentes com o revigoramento do sono, Serenus prescrevia (tradução literal) a queima de “um papel que a escrita ornou com várias palavras”, para em seguida tomar suas cinzas diluídas em água quente. Seria lícito sentir nisso uma espécie de sublimação, uma confiança respeitosa em relação às virtudes até mesmo terapêuticas da página escrita. Pois bem: compare-se e aprecie-se a versão de Ruffato, ou antes, a reinvenção amarga e maravilhosamente niilista, que, sozinha, nos dá a medida do hiato entre os dois textos e os dois autores: “Beber, então, as cinzas / diluídas em água quente de um papel queimado / lavrado com palavras quaisquer”. No entanto, quem quiser, depois disso, restaurar a mente e a confiança, prossiga com o autor de hoje, que voltou em uníssono com o antigo colega ⁴:

*Palladiis itidem sucis, quos flore
rosarum*

*condieris, iunges madidum tritumque
papaver:*

*quo lita frons facilem praebebit nocte
quietem.*

*Ungere la fronte com miscela di
liquore*

*di Pallade, profumato con rose,
insieme*

*a papavero stemperato e pestato
e s'otterrà*

un sereno riposo notturno.

De novo, uma sabedoria fora do comum ao brincar com a linguagem da arte médica: não me refiro tanto aos termos técnicos de uma e de outra língua, dos quais o leitor comum é salvo, sem pedantismo, pelas pontuais notas de rodapé do

⁽⁴⁾ “Igualmente, em licor de Palas temperado / com rosas, acrescentar papoula moída e diluída: / ao ungir a testa, propiciará facilmente o repouso noturno” (tradução do texto de Serenus).

“Ungindo a testa com uma mistura de licor / de Palas, perfumado com rosas junto com / papoula diluída e pilada alcançará / um repouso noturno sereno”(tradução do texto de Ruffato).

tradutor. Refiro-me, ao contrário, ao singular efeito de estranhamento provocado pela presença, no texto italiano, de palavras e frases latinas ausentes em Serenus Sammonicus, mas correntes no uso dos médicos modernos. Por exemplo, *l'antrace che porta all'exitus* (o antraz que leva ao fim) traduz a frase *perimit qui corpora, carbo* (“antraz que devasta os corpos”, r. XXXVIII); em italiano, o termo *noxa*⁵ (“dano”) passa a valer tanto para *languore* (“langor”, “debilitação”, “doença”, r. V) quanto para *virus* (“veneno”, r. IX); por sua vez, *languore*, que, na receita XXXVI de Serenus, define a dificuldade de andar, em Ruffato torna-se *laesa functio* (“função lesada”); por fim, várias vezes Ruffato recorre, com certa vaidade, à fórmula *per os* (“via oral”) dos receituários modernos e assim por diante. Ou então, além dos termos técnicos, uma palavra em si adiafórica e meramente referencial na página latina é mantida no texto italiano para transformar-se em surpreendente latinismo: *alia parva novem* (“nove dentes de alho”, r. XVIII) torna-se assim *nove parvi spicchi d'aglio* (“nove pequenos dentes de alho”).

Um efeito análogo é provocado pela versão de um epíteto ornamental, como é *curvus* em relação ao camelo na receita XI, por um termo específico da anatomia: *cammello cifotico* (“camelo cifótico”); ou ainda, a recuperação de um precioso dantismo, *s'indova* (“localiza-se”), que chega a sublimar estilisticamente uma já substancial ampliação do horizonte lingüístico original. Compare-se o já por si marcante hexâmetro da receita XLI – *Aut si corruptus persederit altius umor* (“ou se o humor infectado persistir mais a fundo”) – com a solução de Ruffato: *Se la deviata costellazione umorale s'indova più a fondo* (“Se a desviada / constelação humoral se localiza mais / embaixo”).

Igualmente, embora numa outra vertente, notar-se-á a busca funcional da expressividade fônica que faz levitar a

⁽⁵⁾ Cf., em português, o adjetivo nóxio, que significa nocivo (N. do T.).

substância dramática: o complexo mas anódino jogo de aliterações, de s e i, da receita XXI – *cum subito dolor insanus furit incitus ictu*, (“estimulada por uma pontada fulminante, enfurece-se a dor insana”) – aparece refeito e apoiado em outros fonemas bem mais marcantes: *dal dolore folle fulmineo / furioso come colpo imprevisto* (“de dor louca, fulminante / furiosa como golpe imprevisto”).

Das citações até agora empregadas deve ter emergido, embora por amostras exíguas, a alta qualidade da operação levada a cabo por Ruffato, de todo consoante com a reconhecida maestria de sua poesia primeira. O fato de ele ter se aventurado como tradutor num texto de poesia “impoética” nos diz muito sobre sua extrema capacidade e vontade de experimentação. Daí deriva o duplo efeito de fazer emergir do texto de Serenus as intermitentes e, na verdade, modestas lascas de poesia autêntica, e de conceder a si mesmo oportunidades extraordinárias de fascinação lírica e rítmica.

Qualquer leitor não comum encontrará também, nesse “poema salutar”, seu tesouro poético. Pessoalmente, por exemplo, ser-me-á impossível esquecer, dentre outras jóias raras, a prescrição da receita XLVII: *Seminecis cervi lacrimam immiscere liquori convenit atque artus illinc mulcere calents* (“É eficaz misturar água a lágrimas de cervo moribundo e, em seguida, aliviar a articulação inflamada”). Da mesma forma não esquecerei, nas estruturas dos versos com as quais Ruffato opõe à regularidade dos hexâmetros latinos a complexa e programática fragmentação dos ritmos acentuais, os dois perfeitos decassílabos que abrem e fecham (com um preciso significado poético, quero crer) a LXVI receita, a última ⁶:

Nei gavoccioli osceni emorroidari [...]
un toccasana sederà il dolore.

⁽⁶⁾ “Nos obscenos bubões hemorroidais [...] uma panacéia sedará a dor”.

**Excertos do *Liber Medicinalis*,
de Quintus Serenus Sammonicus, na tradução de Cesare Ruffato**

Phoebe, salutiferum quod pangimus adsere carmen
inventumque tuum prompto comitare favore.
tuque, potens artis, reduces qui tradere vitas
nosti et in caelum manes revocare sepultos,
qui colis Aegeas, qui Pergama quique Epidaurum
qui quondam placida tectus sub pelle draconis
tarpeias arces atque inclite templa petisti
depellens taetros praesenti numine morbos:
huc ades et quicquid cupido mihi saepe locutus
firmasti, cunctum teneris expone papyris.

Apollo, patrocina questo poema salutare
che noi componiamo e proteggi sollecito
la tua invenzione. E tu maestro della medicina
che hai saputo ridare la vita e resuscitare
alla luce i defunti dalla tomba,
tu che dai prestigio a Eges Pergamo ed Epidauro
e che un tempo nelle sembianze d'innocuo
serpente hai raggiunto il Campidoglio
e i suoi templi gloriosi ed hai espulso
infauste patologie colla tua valida
presenza: dacci perciò una mano
tu che hai spesso avallato i nostri quesiti
a te rivolti e in questi labili fogli
esprimi tutta la tua saggezza.

Quos pudet aetatis longae, quos sancta senectus
offendit, cupiunt properos "si" abscondere canos
et nigrum crinem fuco simulare doloso,

his prodest acri contrita cupressus aceto
vel frons lentisci vel tristia poma sabuci;
lumbrici quoque terrestres miscentur olivo
et iuvenem praestant redivivo flore capillum.
Praeterea niveum poterit depellere vultum
resina ex facili cera viscoque coacta.
Ad rutilam speciem nigros flavescere crines
unguento cineris praedixit Tullius auctor.
Si praegnans artus captivi soricis edit,
dicuntur fetus nigrantia lumina fingi.

A coloro che si vergognano della longevità
ed angustati dalla venerabile senilità
desiderano mascherare la sollecita
canizie e con un trucco cromatico
simulare una chioma scura, è consigliabile
l'uso di foglie di cipresso tritate in aceto
o quelle di lentisco o i frutti acerbi
del sambuco. Anche lombrichi di terra
mescolati con olio rinverdiscono
e rivitalizzano il fascino della chioma.
È possibile inoltre mimetizzare il biancore
del capo con resina legata con cera
molle e vischio. Tullio ha indicato
per primo un unguento a base di cenere
per rendere biondi i capelli neri
sino a tonalità fulve. Si dice
che una gestante, se mangia le zampe d'un topo
in trappola, partorerà un figlio con occhi neri.

Noxia corporibus quaedam de corpore nostro
progenuit natura volens abrumpere somnos,
sensibus et monitis vigiles intendere curas.

Sed quis non paveat Pherecydis fata tragoedi,
 qui nimio sudore fluens animalia taetra
 eduxit, turpi miserum quae morte tulerunt.
 Sylla quoque infelix tali languore peresus
 corrui et foedo se vidit ab agmine vinci.
 Saepius ergo decet mordax haurire sinapi,
 vel nitro ac sale permixtis acidoque liquore
 laxatis, ut sint simul alia, tangere corpus,
 aut lacrimis hederæ aut suco perducere cedri,
 quin etiam furfur mixto medicatur aceto.
 Unda maris lendes capiti deducet iniquas
 Et quicquid crebri defendit silva capilli.

La natura per disturbare il sonno e stimolare
 nei sensi avvertiti vigili reazioni
 ha generato dal nostro corpo certi
 organismi a lui nocivi. Ma chi non è
 toccato dal tragico destino di Ferecide
 che in effuse sudorazioni espulse
 questi osceni animaletti che portarono
 al malcapitato a vergognosa morte?
 Anche l'infelice Silla consunto dalla stessa
 noxa cadde e si vide soverchiato
 dalla massiva spugna laida. Conviene
 dunque inghiottire assai sovente pozione
 di piccante senape e spalmare sul corpo
 una miscela di salnitro e sale diluiti
 in aceto con aggiunta d'aglio o massaggiare
 con lagrime d'edera o com resina del cedro;
 e risana persino la crusca mista
 con aceto. L'acqua marina deterge
 le infeste lendini del capo e quant'altro
 da cui protegge la folta chioma selvosa.

Saepe ita pervadit vis frigoris ac tenet artus,
 ut vix quaesito medicamine pulsa recedat.

Si ranam ex oleo decoxeris, abice carmen,
membra fove <suco>. Parili ratione rigorem
urticae semen perceptaque frigora vincit.
Et cervina potest mulcere medulla rigorem.
Decoctum raphani semen cum melle vorabis.
Sive fel ursinum tepefacta dilue lympa:
proderit hoc produ; seu cassis ostrea testis
usta dabit cinerem, qui pro sale sumptus in escis
decutient gelidum calefacto vertice virus.
Nonnullus liquidum sugit mulsumque sinapi
palatoque agitat pariter retinensque vomensque.
Alia nonnulli mandut oleive liquore
perfundunt calido cerebrum nasique latebras.
Quidam lactucae credunt prodesse sapes.
Curandi modus hic et suavis et utilis idem est.

Il freddo è spesso tanto pervasivo e invade
le membra da rendere inefficaci i rimedi
più adeguati. Bollire in olio una rana
toglierla e col liquido fomentare le membra.
Similmente il seme di urtica risolverà
il brivido e il freddo invadente. Anche
il midollo di cervo può alleviare il brivido;
gioverà pure il seme bollito di rafano
con miele. Sarà efficace una pozione di bile
d'orso diluita in acqua tiepida; o la cenere
di conchiglie vuote combuste d'ostrica
che sparsa come sale nel cibo e riscaldando
il capo eliminerà la noxa congelante.
Alcuni prendono una sorsata di emulsione
melata di senape, gargarizzano senza
ingerirla e poi la sputano. Altri
masticano aglio o perfondono attraverso
le fosse nasali con olio caldo l'encefalo.
Qualcuno ritiene valido il sapore
della lattuga, trattamento questo
nel contempo utile e piacevole.

Invida si maculat faciem lentigo decoram
nec prodesse valent naturae dona benignae,
erucam atque acidum laticem simul illine malis;
proderit et bulbus mellis dulcedine victus,
crudave dulcacido miscebis rapa liquori,
sanguine vel leporis morbus delebitur oris.
Frons salicis cum flore suo contrita medetur.
Saepiolae cineres ex ossibus omnia levant.
Cygneos adipēs hilaro misceto Lyaeo:
Omne malum propere maculoso ex ore fugabis.
Horrebit si livor atrox aut nigra cicarix,
attrito sapone genas purgare memento.
Rugarum sulcos lentisci mastice tendes.
Si vero vitium est quod ducit ab impete nomen,
Hoc matutina poteris cohibere saliva
Seu folio platani, quod mansum mane vorabis.
Foeda fluunt curvi quae purgamenta cameli
urentur cineremque dabunt, iungentur aceto
mascula tura simul, divinaque cura valebit.

Se lentiggini sgradevoli macchiano
l'estetica del volto vanificando i doni
di natura benigna, frizionare la cute
con lozione di aceto e ruchetta; gioveranno
la cipolla addolcita dal miele o rape crude
mistate com liquido agrodolce. Le affezioni
facciali scompariranno anche con sangue
di lepre. Sono validi foglie e fiori
tritati del salice. Le ceneri dell'osso
di seppiolina cancellano ogni discromia.
Miscidare grasso di cigno com vino
esilarante: in un battibaleno dal volto
maculato eclisserà ogni alterazione.
Ricordare di detergere le guance
con sapone se protrudono lividi orribili

o cicatrici scure. Appianare le rughe
con resina di lentischio. Il male
che deriva il nome da impeto si potrà
reprimere con saliva mattutina
o con foglie di platano masticate
e inghiottite al mattino. Una terapia
divina consisterà nelle ceneri
di ripugnanti mondezze espulse dal cammello
cifotico e bruciate, combinate
con aceto e incenso virile.

Lutea si crescent et cunctis noxia fella,
alia parva novem, piperis tot permole grana,
quae cyatho diluta gari mandesque bibesque:
haec iterum septena capis, post denique quina.
Praeterea caules, si frondet passa, sabuci
decoctos sale permisces ac spargis olivo:
tum capis ac tali auxilio fella horrida purgas.
Prosunt et pelagi latices, quos pondere iusto
dulcibus adsocias lymphis mellique liquenti.
Et niveus prodest ex ubere sucus asellae,
si tepido vinum infundas ac mella piperque.
At vomitum radix narcissi pota movebit.
Si vero pthisis annoso sedet improba morbo,
intritas vino cocleas hausisse iuvabit.
Proderit et veteris sevi pila sumpta suilli,
quo scapulas quoque perducit medicina salubris.

Nell'ipersecrezione di bile giallo oro
tossica per tutti, diluire in un bicchiere
di garo nove parvi spicchi d'aglio e nove
grani di pepe ben macinati e deglutire
l'insieme semidenso; poi riprendere in dose
di sette e quindi di cinque. Inoltre

mescolare con sale e spruzzare con olio
 rami, quando avvizziti frondeggiano, di sambuco:
 mangiarli e con tale rimedio la bile
 sgradevole scomparirà. Giova anche l'acqua
 di mare mescolata all'acqua dolce in parti
 eguali e con miele liquido; come pure
 il niveo secreto mammario di asinella
 miscelato ancora tiepido con vino, miele
 e pepe. La bevanda, invece, con radice
 di narciso è emetica. Se la maligna tisi
 cronicizza, farà bene prendere lumache
 frantumate nel vino. E gioverà prendere
 una pallina di vecchio grasso suino,
 con la quale, medicina salutare,
 anche ungere le spalle.

Si mollis iecoris fibras dolor angit acerbus,
 protinus ex mulsa potanda elelisphacus herba est,
 sumitur aut semen, quod fraxinus alta profudit.
 Vulturiive iecur vel ius perdicis apricae.
 Praeterea simili dragma pix dura piperque
 franguntur; sic in mollito pulvere iuncta
 egelidis miscentur aquis recreantque bibentem.
 Apsinthi quoque decocti potabitur umor.
 Si latus immeritum morbo temptatur acuto,
 accensum tingues lapidem stridentibus undis,
 hinc bibis; aut aceris radicem tundis et una
 cum vino capis: hoc praesens medicanem habetur.
 Quid referam multis conposta Philonia rebus,
 quid loquar antidotos varias? dis ista requirat,
 at nos pauperibus praecepta dicamus amica.
 Nec non et iecoris quaeretur fibra lupini
 iungeturque simul costum foliumque piperque;
 diluta quae duro dantur potanda Lyaeo.

Est et vis morbi, quod "telum" commemoratur,
cum subito dolor insanus furit incitus ictu:
Persicus huic potum e nucleo dabit interiore;
quae mihi cura satis casu monstrante probata est.

Alla comparsa d'un dolore acuto del parenchima
epatico bere subito una emulsione melata
di salvia o prendere i semi profusi
dall'alto frassino o un fegato d'avvoltoio
o brodo di solare pernice. Inoltre
polverizzare pece solida e pepe,
una dracma di ognuno, miscelare in acqua
gelida e la bevanda rianimerà il bevitore.
Si prenderà pure un decotto d'assenzio.
Nel dolore acuto immotivato del fianco
bere l'acqua fatta ribollire da pietra
immersa infocata; o prendere radice franta
di acero con vino: questo rimedio si ritiene
risolutivo. Che dire delle ricette
di Filone dai molti costituenti
e dei vari antidoti? Se ne interessino
i ricchi, qui si diranno le prescrizioni
a favore dei poveri. Procurarsi un fegato
di lupo, aggiungervi costo, foglia di nardo
e pepe, stemperare il tutto in vino secco
per bevanda. Esiste una affezione violenta
detta "telum" dal dolore folle fulmine
furioso come colpo imprevisto: gioverà
una pozione estratta dalla mandorla
della pesca; la validità di questa cura
mi è stata comprovata a sufficienza dai fatti.

Saeplus occultus victa coxendice morbus
perfurit et gressus diro languore moratur.

Populus alba dabit medicos de cortice potus;
 nec non et tenerae gracili de fronde genestae
 arreptos caules acidoque liquore madentes
 sumere conveniet, rubiam quoque ducere potu
 aut ex Bithyno cocleas haurire Lyaeo.
 Si vero articulos tabes inimica per omnes
 haeserit, ex ficu betas cum melle ligabis
 vel pelagi latices, simul et Baccheia dona
 sumere curabis: nimio sed parcito vino:
 Ennius ipse pater, dum pocula siccat iniqua,
 hoc vitio tales fertur meruisse dolores.

Assai sovente una affezione occulta si situa
 nell'anca con dolore e grave laesa functio.
 La bevanda di corteccia di pioppo bianco
 darà beneficio. Si consiglia inoltre
 di prendere steli strappati alle esili fronde
 di tenera ginestra e macerati in aceto
 O bere infuso di robbia o mangiare lumache
 nel vino bitino. Qualora il male ostile
 coinvolga tutte le articolazioni, avvolgerle
 con bietole e fichi uniti con miele
 o si prenda cura di somministrare bevanda
 d'acqua marina con parsimonioso vino:
 Si narra che il padre Ennio stesso
 tracannando troppi rischiosi bicchieri
 sia caduto nelle disgrazie di questo male.

Horrendus magis est perimit qui corpora, carbo:
 urit hic inclusus, vitalia rumpit apertus.
 Hunc veteres olim variis pepulere medelis.
 Tertia namque Titi simul et centesima Livi
 charta docet, ferro talem candente dolorem

exactum aut potio raporum semine pulsum;
ni fieret, dixit, vix septem posse diebus
vitam produci: tanta est violentia morbi.
Dulcacidum laticem cum lini semine iunge
atque fimum Paphiae pariter compone columbae:
hinc line duratas partes et clausa venena.
Praeterea triti reserant adoperta lupini.
Nonnullus calcem vivam dissolvit aceto
fumantemque nivem papulis apponit acerbis.
Est qui gallinae perducatur stercore corpus.
Alia vel piperi iuste commixta linuntur.
Pythagorae cognata levi condita cumino
proderit aut madida fermentum polline turgens.

Assai più aggressivo è l'antrace che porta
all'exitus: chiuso brucia lento
aperto devasta le parti vitali.
Gli antichi lo affrontavano con vari
rimedi: infatti il libro centotreesimo
di Tito Livio insegna ad espellere questo
male con ferro rovente o a respingerlo
con pozione di semi di rape e che non
si potrebbe sopravvivere, senza rimedi, più
di sette giorni, tanto è intensa la sua
lesività. Stendere sulle parti addensate
e infette dal veleno nascosto un miscuglio
di liquido agrodolce con semi di lino
e fimo di colomba di Pafo in quantità
uguale. I foci profondi vengono inoltre
aperti dai lupini tritati. Qualcuno
applica impiastro niveo fumante di calce
viva sciolta in aceto sulle pustole
iniziali. Qualche curante sparge sul corpo
guano di gallina o aglio e pepe equidosati.
Potrà giovare la parente di Pitagora
condita col delicato comino o il lievito
montato da farina madida.

Quaenam sunt rabidae medicamina digna podagrae,
 cui ter tricenas species Epidaurius ipse
 dixit inesse deus? Requiem tamen indere morbo
 fas erit et tristem saltem mulcere dolorem.
 Ergo age et abreptam salicis frondemque librumque
 cum vino tere, tum contractos pernil nervos.
 Aut cum prima mali sese ostentabit origo,
 fervida non timidis tolera cauteria plantis
 seminecisve hirci reserato pectore calces
 insere: sic dirae reprimes primordia pestis.
 Aut si corruptus persederit altius umor,
 trita cupressus ibi Baccho iungetur acerbo,
 panibus et teneris, cohibebitque addita questus.
 Parva sabucus item hircino conlita sevo,
 triticeaeque acido manantes amne farinae,
 aut nitido ranae decoctum viscus olivo
 sive chelidoniae sucus sale mixtus aceto.
 Sunt quibus apposita siccatur hirudine sanguis.

Quali sono mai le medicine speciali
 per la gotta acuta, delle quali secondo
 il dio stesso d'Epidauro ce ne sarebbero
 novanta tipi? Si potrà tuttavia ammansirla
 o almeno alleviarne le atroci sofferenze.
 Animo allora! E si spalmino i tendini
 contratti con foglie e corteccia strappate
 dal salice e pestate nel vino. E sin
 dai primi sintomi patologici si sopportino
 con fermezza i caustici cauteri sulle piante
 dei piedi, oppure introdurli nel petto
 squarciato d'un caprone morente: verrà
 così bloccata all'inizio l'evoluzione
 del pestifero male. Se la deviata
 costellazione umorale s'indova più

a fondo, porre un topico cataplasma
di foglie di cipresso pestate, inglobate
in aceto e mollica di pane e si spegnerà
ogni lamento. Validi anche i seguenti
preparati per unzione: tenero sambuco
con sego di caprone, farina di grano
stemperata in aceto, interiora di rana
bollite in olio fine d'oliva, o succo
di celidonia miscidato con sale e aceto.
In alcuni pazienti sono effettuati salassi
emodepurativi con sanguisughe.

Nonnunquam existit subiti nova causa doloris,
cuius origo latet, certis reprimenda medelis.
Namque chelidonium mixto sale nectere prodest
Velleraque infuso recalentia sulphure sanant.
Ostocopum lento conducit melle perungui.
Sin autem calidae depascent corpora febres,
tunc apii sucus leni sociatur olivo:
membra lines, fotuque ferus mulcebitur ignis.
Nec spernendus adips, dederit quem bestia meles.
Seminecis cervi lacrimam immiscere liquori
convenit atque artus illinc mulcere calentes.
Febribus at longis galli nova iura vetusti
subveniunt, tremulis etiam medicantia membris.

Esiste talora una causa insolita
del dolore improvviso, di origine
sconosciuta ma che abbisogna di terapia
specificata. Ne determinano infatti
la scomparsa applicazioni di celidonia
mista a sale o di lana riscaldata

satura di zolfo. Unzioni di miele liquido
sono vantaggiose per l'osteocopo. Qualora
l'ipertermia usuri l'organismo, si deve
combinare succo d'appio con olio
lenitivo: spalmare il corpo per fomento
e il molesto bruciore s'allieverà.
Usufruire anche del grasso di tasso.
È ancora efficace ungere il corpo
febricitante con acqua ove si sono
versate lagrime di cervo morente.
Le febbri persistenti vengono mitigate
con brodo estemporaneo di vecchio
gallo, rimedio anche dei brividi.

Nec tu crede levem dilato tempore febrem,
quae spatium sibi dat, magis ut cessando calescat:
letali quoque grassatur quartana calore,
ni medicas adhibere manus discamus et herbas.
Alia non pudeat terno cum cimice trita
et diluta mero mediis haurire diebus;
aut teneram iecoris murini ducere fibram,
quattuor ut duri iungantur scripula Bacchi.
Mira est apsinthi cum simplice potio lymphæ.
Sume tribus digitis adpressum semen anesi,
tantundem marathri nec mulsum desit aceti,
in cuius cyatho prædicta salubriter hauris.
Mæoniae Iliados quartum subpone timenti,
aut leporis trepidi diluta coagula trade.
Prodest et potu, sed mulsus, Doridis umor.
Quidam etiam miranda ferunt, veniente calore,
iurantes ludum Veneris munisque petendum.
Sed prius est oleo parvas ferverescere ranas
in triviis illoque artus perducere suco.

Non va considerata benigna questa febbre
dilazionata che si dà remissioni e poi
riprende più aggressiva: gli episodi
ogni quattro giorni possono anche essere
letatli se non si impara l'impiego
di strategie e di piante salutari.
Non disgustarsi di ingerire nei giorni
afebrili aglio triturato con tre cimici
diluito in vino puro; o tenero parenchima
epatico di ratto aggiunto a quattro scrupoli
di vino secco. È splendida bevanda l'infuso
d'assenzio in acqua pura. Altra pozione
benefica è composta dalla presa con tre
dita e in parti eguali di semi d'anice
e di grani di finocchio franti in un ciato
di aceto con miele. Ai pazienti pavid
del ritorno febbrile sottoporre il quarto
canto dell'Iliade Meonia o fornire il caglio
diluito di lepre trepidante. È pure utile
bere l'acqua di Doride ma melata. Alcuni
narrano una visione meravigliosa e giurano
che al giungere della febbre siano congeniali
i giochi e i doni di Venere; ma prima
si debbono friggere nell'olio presso
un trivio piccole rane e con quel
liquido spalmarsi il corpo.

At qui continuis non cessat adire diebus,
sed tantum certas morbus discriminat horas,
triticeum metuit granum, si credere dignum est,
quod latitans fracto fuerit sub pane repertum.
Nec non ossa iuvant saeptis inventa domorum:
convenit haec tereti pendentia subdere collo.
Multaque praeterea verborum monstra silebo:

nam febrem vario depelli carmine posse
vana superstitio credit tremulaeque parentes.

La febbre persistente nei giorni
e che soltanto a determinate ore
si seda, teme, se ciò è degno di fede,
il seme di grano che si rinviene
celato nel pane spezzato. Giovano
pure le ossa scovate nei muri delle case:
conviene farle pendere dal tondo collo.
E tacerò inoltre il mucchio di stranezze
Verbali: vana superstizione e familiari
ansiosi credono infatti che la febbre
si possa scacciare con diversi prodigi.

Mortiferum magis est quod Graecis hemitritaeos
vulgatur verbis; hoc nostra dicere lingua
non potuere ulli, puto, nec voluere parentes.
Inscribes chartae quod dicitur abracadabra
saepius et subter repetes, sed detrahe summam
et magis atque magis desint elementa figuris
singula, quae semper rapies, et cetera figes,
donec in angustum redigatur littera conum:
his lino nexis collum redimire memento.
Nonnulli memorant adipem prodesse leonis.
Coralium vero si collo nectere velis
nec dubites illi veros miscere smaragdos,
adsit baca teres niveo pretiosa colore:
Talia languentis conduces vincula collo
letalesque abiget miranda potentia morbos.

Più infausta è la febbre dal nome greco
hemitritaeos, che si crede priva di termine

proprio nella nostra lingua e non lo vollero
i nostri padri. Si scriva su un foglio
il detto abracadabra, lo si ripeta assai
sovente e muovendo in basso si detragga
di volta in volta per ogni riga, senza
omissioni, la lettera finale riscrivendo
le restanti fino a risultare una unica
lettera terminale in figura verbale
a cono acuto: memento di appendere
il foglio al collo con un filo di lino.
Alcuni sostengono l'efficacia del grasso
di leone. Se si vuole portare una collana
di corallo, va vivacizzata con veri
smeraldi e con una perla rotonda
preziosa per il suo niveo candore:
questo gioiello al collo del paziente
allontanerà con potere stupefacente
l'infausta patologia.

Non solum miseros taeterrima febris adurit,
sed super optato pergit viduare sopore,
ne prosint placidi caelestia munera somni.
Charta igitur, variis pinxit quam littera verbis,
uritur, inde cinis calido potatur in amni.
Proderit et magnum capiti substernerepuleium.
Prodest et mixtam lymphis potare cupressum.
Palladiis itidem sucis, quos flore rosarum
condieris, iunges madidum tritumque papaver:
quo lita frons facilem praebebit nocte quietem.
Nec non mandragorae gustu sopor additur altus.
Dilue praeterea glomeramina, quae gerit intus
clausa aries inter geminae coxendicis umbras:
inde soporati ducentur gutture potus.

La febbre odiosa non solo avvampa gli afflitti
ma soprattutto li storna dal desiderato
torpore e li esclude dai doni celesti
del sonno ristoratore. Bere dunque la cenere
sciolta in acqua calda d'un foglio bruciato
stilato di parole qualsiasi. Converrà
pore un grosso ramo di puleggio al capezzale
e deglutire foglie di cipresso in acqua.
Ungere la fronte con miscela di liquore
di Pallade, profumato con rose, insieme
a papavero stemperato e pestato e s'otterrà
un sereno riposo notturno. Anche mangiare
mandragora porta sonno profondo.
Diluire inoltre i noduli sottocutanei
che l'ariete porta nascosti nelle pieghe
delle due cosce e ingerire
questa bevanda sonnifera.

Est subiti species morbi, cui nomen ab illo
haesit, quod fieri prohibet suffragia iusta.
Saepe etenim membris atro languore caducis
concilium populi labes horrenda diremit.
Ipse deus memorat dubiae per tempora lunae
conceptum, talis quem saepe ruina profundit.
Prodest cum veteri Baccho fel vulturis atri,
sed coclear plenum gustatu sufficit uno
seu cruor ex Progne mixtus cum polline turis;
aut apium elixum aut conditum melle fel agni;
marrubiumve pari confusum pondere mellis,
cuius terna dabis gustu coclearia in uno.
Aptus mustelae cinis est et hirundinis una.
Praeterea pluvias, hominis quas calva supino
excipit proiecta sinu, consumere prodest.

Aut lapis ex nido, vaga quem congessit hirundo,
vellitur, et nexu fovet attollitqueiacentem.
Pellitur, ut fama est, gustu quoque languor anethi.

È una forma morbosa fulminea dal nome
legato all'azione inibente le elezioni
legali. In realtà sovente un individuo
che cade in crisi epilettica há provocato
la sospensione dell'assemblea del popolo.
Il dio stesso ribadisce che il malcaduto
in questa disgrazia fu spesso conecpito
in novilunio. Si deve ingerire bile
di cupo avvoltoio in vino vecchio e basta
un cucchiaino pieno per volta, o sangue
di rondine misto con polvere d'incenso
o appio bollito o bile d'agnello
aromatizzata nel miele, o marrobio
aggiunto a miele in peso eguale, da prenderne
tre cucchiaini per ogni dose. Valida la miscela
di ceneri di faina e di rondine. È pure
benefico bere acqua piovana caduta
nel cavo di calotta cranica umana supina.
O prelevare dal nido, costruito dalla rondine
Girovaga, una pietruzza e legarla al collo
rianima e solleva l'ammalato. Si dice
che anche prendere l'aneto espella il male.

Excruciant turpes anum si forte papillae,
agrestis prodest radix superaddita porri,
ne violet sanum, iuglandis fragmine clausa.
Sal niveum sumes, Beticum quod nomine dicunt,
dulcia cumque nigra iunges fuligine mella
apponesque super: pellit medicina dolorem.

Nei gavoccioli osceni emorroidari
che talora tormentano l'ano vale
ricoprirli con la radice del porro
selvatico supposta in guscio di noce
a rispetto del tessuto sano adiacente.
Applicare sulle lesioni del sale
bianco detto betico miscelato con miele
zuccherato e con nera fuliggine:
un toccasana sederà il dolore.

ABSTRACT: *This article comments on Cesare Ruffato's translation into Italian of Liber Medicinalis, by Quintus Serenus Sammonicus, a Roman poet.*

Keywords: *latin literature, Quintus Serenus Sammonicus, Liber Medicinalis, translation, Cesare Ruffato, Italian poetry.*